

SANTA TERESA DE JESUS

CASTELO INTERIOR




Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Teresa, de Ávila, Santa, 1515-1582

Castelo interior / Teresa de Jesus ; tradução de Jaime A. Clasen. - São Paulo : Paulinas, 2025.

312 p.

ISBN 978-65-5808-330-6

Título original: Castillo interior

1. Vida cristã 2. Igreja católica 3. Espiritualidade I. Título II. Clasen, Jaime A.

25-0043

CDD 248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida cristã

Título original: *Santa Teresa: Obras completas*
Castelo interior é parte integrante de *Obras completas de Santa Teresa D'Ávila*,
com tradução feita a partir da 16ª edição do Editorial Monte Carmelo,
preparada por Tomás Álvarez
© 2001 by Editorial Monte Carmelo, Burgos (Espanha)

1ª edição – 2025

Direção-geral: *Ágda França*
Editora responsável: *Marina Mendonça*
Tradução: *Jaime A. Clasen*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*
Produção de arte: *Elaine Alves*
Imagem de capa: *Arquivo Paulinas*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

☎ (11) 2125-3500

✉ editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2025

Sumário

Introdução	5
JHS – [Prólogo].....	24

MORADAS PRIMEIRAS

Capítulo 1	29
Capítulo 2	37

MORADAS SEGUNDAS

Capítulo único	53
----------------------	----

MORADAS TERCEIRAS

Capítulo 1	67
Capítulo 2	76

MORADAS QUARTAS

Capítulo 1	89
Capítulo 2	101
Capítulo 3	108

MORADAS QUINTAS

Capítulo 1	123
Capítulo 2	133
Capítulo 3	144
Capítulo 4	153

MORADAS SEXTAS

Capítulo 1	165
Capítulo 2	176
Capítulo 3	183
Capítulo 4	195
Capítulo 5	206
Capítulo 6	214
Capítulo 7	223
Capítulo 8	234
Capítulo 9	242
Capítulo 10	253
Capítulo 11	258

MORADAS SÉTIMAS

Capítulo 1	269
Capítulo 2	278
Capítulo 3	287
Capítulo 4	297
JHS.....	308

Introdução

O *Castelo interior* é uma lição magistral da autora. Fruto maduro de sua última jornada terrena, reflete o estágio definitivo de sua evolução espiritual e completa a mensagem das obras anteriores, *Vida* e *Caminho*. O relato autobiográfico de *Vida* tem agora uma nova versão, mais sóbria e discreta, disfarçada de anonimato e integrada pelas experiências da última década. Igualmente, a pedagogia do *Caminho* ultrapassa agora os tanteios de treinamento na vida espiritual, para navegar até o fundo do mistério: a plenitude da vida cristã.

Para completar a lição, virão sucessivamente as *Fundações* e as *Cartas*, para referendar a divisa das sétimas moradas: que a suprema vivência mística não tira o cristão de órbita, mas o mantém com os pés na terra, em diálogo com os irmãos.

O ponto de partida

O primeiro projeto do *Castelo* se enlaça com a autobiografia teresiana. Vista à distância de doze anos, a *Vida* se mostrava incompleta. Era preciso retomar o relato e concluí-lo. Ou talvez refazê-lo inteiramente com enfoque teológico novo.

Em pós-escrito a uma de suas cartas, a Santa escreve a seu irmão Lourenço em 17.1.77: “Ao bispo (de Ávila, Dom Álvaro) enviei a pedir o livro (a *Vida*), porque talvez tenha o antojo de acabá-lo com o que depois o Senhor me deu, que se poderia fazer outro e grande”.

O motivo do “antojo”, do desejo, era duplo: os últimos doze anos tinham trazido um caudal de experiências nitidamente superiores às historiadadas em *Vida*. Ela as anotou fragmentariamente nas *Relações*. Mas não se tratava apenas de novos materiais de construção. As vivências do último quinquênio – especialmente a partir do magistério de frei João da Cruz (1572) – tinham fornecido uma nova perspectiva de interpretação de todo o arco de sua vida. Com visão mais unitária e profunda. Com melhores possibilidades de síntese teológica.

Num primeiro momento, o projeto fracassou. Dom Álvaro não enviou o exemplar de *Vida*. E, por fim, poucos dias depois o excesso de trabalho alquebrava a saúde da Santa. Foi uma crise de esgotamento, com um profundo trauma físico. Grandes dores e rumores de cabeça, que a deixavam “escarmentada” e temerosa de “ficar inabilitada para tudo”.¹ Precisa recorrer aos serviços de uma amanuense caseira para despachar a correspondência, por expressa ordem do médico. Assim se desvanece o projeto de refundição da *Vida*.

¹ Carta S. 168, 2 e 7.

A ordem de escrever

Medianamente refeita do achaque de fevereiro, a Santa se encontra, no final de maio, com o padre Gracián. Os dois conversam no locutório do Carmelo de Toledo. Ele vai apressado, de Andaluzia a Madri, convocado pelo Núncio. Ela cumpre a ordem de reclusão, imposta pelo Capítulo Geral da Ordem. Um trecho da conversa chega a nós diretamente escrita por Gracián:

“O que se passa acerca do livro das *Moradas* é que, sendo eu seu Prelado e tratando uma vez em Toledo muitas coisas de seu espírito, ela me dizia: ‘Oh, como está bem escrito esse ponto no livro de minha *Vida* que está na Inquisição!’.

Eu lhe disse: ‘Pois que não o podemos ter, faça memória do que se lembrar e de outras coisas, e escreva outro livro, e diga a doutrina em comum, sem nomear a quem tenha sucedido aquilo que ali disser’.

E assim mandei que escrevesse este livro das *Moradas*, dizendo-lhe, para mais a persuadir, que o tratasse também com o Doutor Velázquez, que a confessava algumas vezes. E ele mandou isto”.²

Anos mais tarde, Gracián mesmo completa o informe:

“Estando eu em Toledo, persuadi a madre Teresa de Jesus com muita importunação que escrevesse o

² *Notas de Gracián*, em: Antonio de San Joaquín, *Año Teresiano*, t. VII (1758), p. 149.

livro que depois escreveu, que se chama *As Moradas*. Ela me respondia com o mesmo argumento que tenho dito, e disse muitas vezes em seus livros, quase com estas palavras: ‘Para que querem que escreva? Escrevam os letrados, que estudaram, que eu sou uma tonta e não saberei o que digo: porei um vocábulo por outro, com que farei dano. Fartos livros há escritos de coisas de oração; por amor de Deus, que me deixem fiar minha roca e seguir meu coro e ofícios de religião, como as demais irmãs, que não sou para escrever nem tenho saúde e cabeça para isso etc.’.³

Gracián e Velázquez venceram a resistência da Madre. Ela lembrará isso no prólogo do *Castelo*, sublinhando o dificultoso de sua “obediência” e repetindo os motivos de sua oposição: desde a dor de cabeça até a total falta de inspiração literária; com uma velada alusão ao livro de sua *Vida*, que continua preso na Inquisição, e a impossibilidade de “trazer à memória” as muitas coisas contidas nele, “que diziam que estavam bem ditas, caso se tivessem perdido”. Não refundirá o relato autobiográfico. Ater-se-á às instruções dos dois conselheiros, sujeitando-se em tudo ao parecer deles, “que são pessoas de grandes letras”. Escreverá o novo livro não para seus confessores – como o da *Vida* –, mas para as leitoras de seus carmelos, gente simples e de olhos benévolos, que acolherão com amor qualquer página sua.

³ Jerónimo Gracián, *Dilucidario del verdadero espíritu*, I, 5: BMC, t. 15, Burgos, 1932, p. 16.

Projeto modestíssimo, que será excedido desde o primeiro capítulo do livro.

A tarefa de escrever

Grafia firme e redação rápida. Da aridez do prólogo não fica rastro. A Santa escreve com fluidez, como conversa. Em fólhos amplos, de 210 x 310 mm. Datou o prólogo em 3 de junho de 1577. Em 15 dias de tarefa normal, alternando com o coro e a correspondência, redige as moradas primeiras, segundas e terceiras. De repente chega de Madri uma notícia fatal: o “núncio santo”, Nicolás Ormaneto morreu (18-19 de junho). Ela acusa o golpe que prevê catastrófico para a Reforma, e prepara a viagem ao seu primeiro carmelito de São José de Ávila.

Escreveu 26 fólhos (52 páginas cheias). Terminou o capítulo primeiro das Moradas quartas. Mas tem de interromper a atividade e demorará a retomá-la. “Valha-me Deus no que me tenho metido! Já tinha esquecido o que tratava, porque os negócios e saúde me faz deixá-lo para melhor tempo; e como tenho pouca memória, irá tudo desconcertado por não poder tornar a lê-lo”.⁴

Assim, entre interrupções, viagens e sobressaltos, redigirá os cinco capítulos seguintes: mais 19 fólhos. Só quatro ou cinco meses mais tarde retomará a tarefa firmemente. Já é inverno em Ávila, e ali, na gélida

⁴ M. V, 2, 1.

pequena cela de São José, escreverá de uma vez o resto do livro, a partir do capítulo quarto das Moradas quintas: 16 capítulos, dos 27 que conta a obra. Desde o fólho 46r até o 110r.

Seguem ainda dois fólhos com o epílogo ou carta de acompanhamento, colocados antes do prólogo no original primitivo (páginas 2-5).⁵ Ao terminar a tarefa transparece o humor sadio da autora: as leitoras carmelitas, que nem sempre dispõem de espaço suficiente dentro do mosteiro, “sem licença da priora podeis entrar e passear por ele (por este castelo) a qualquer hora”.

Para dar forma de livro a esses 113 fólhos faltam apenas duas operações: estruturá-los internamente em moradas e capítulos, e dar-lhes um título. A Santa relê em diagonal os cadernos e busca um espaço entre as linhas para intercalar a indicação “moradas primeiras”, “capítulo” ou semelhantes.⁶ Não restou

⁵ Começa no prólogo a foliação original da Santa, que deixou sem numerar as duas folhas do epílogo e a do frontispício.

⁶ Começa equivocando-se: “capítulo II”, em lugar de capítulo I. Talvez conte o “prólogo” como capítulo primeiro da obra, e antepõe o atual “epílogo” como página introdutória. Ao mesmo tempo em que fraciona o texto e põe título aos capítulos, vai fazendo breves anotações nas margens: “Entende-se do auxílio particular” (3, 1,2), tristes “como o mancebo do evangelho” (3, 1,7), “ou imaginação, para que melhor se entenda” (4, 1,8), ... frutifica “fazendo bem a si e a outras almas” (5, 4,20), “há de se entender: com a disposição e meios que esta alma terá tido, como a Igreja o ensina” (6, 4,3), “mas por junto se lembra que o viu” (6, 4,8), “também diz o Senhor que é luz” (6, 7,6), ... Santo Agostinho em suas Meditações “ou confissões” (6, 7,9), “digo ‘mais e mais’ quanto às penas acidentais” (6, 11,7), “isto é o ordinário” (7, 2,10), “o ‘tirar’ se chama aqui quanto a perder os sentidos” (7, 3,12). Numa ocasião fará uma chamada

espaço para a epígrafe de cada capítulo, e por isso o estenderá em fólho à parte, hoje perdido. Utilizará o verso da primeira folha em branco para intitular a obra: “Este tratado, chamado *Castelo interior*, escreveu Teresa de Jesus, monja de Nossa Senhora do Carmo, a suas irmãs e filhas, as monjas Carmelitas Descalças”. Na margem superior de cada página foi anotando o título corrente, como nos livros impressos: na página da esquerda “mdas” (moradas) e na página direita o número correspondente: “primeiras”, “segundas” etc.

À medida que a Autora redige os cadernos, vai passando-os para uma amanuense que os transcreve: é a primeira cópia do *Castelo*, antes que intervenham as manipulações dos censores.

A censura e outros avatares do autógrafo

Falta ao manuscrito o respaldo dos teólogos. Indispensável para poder apresentar-se em sociedade e

marginal para acrescentar um suplemento de explicação: “quando diz aqui ‘vos pedé’ leia-se logo este papel”. A nota breve se perdeu, mas os amanuenses nos transmitiram seu conteúdo.

Por fim, algo anômalo ocorreu no começo das Moradas sétimas, exatamente na passagem do capítulo primeiro para o segundo. A autora teve de arrancar o fólho 97 (= lxlvii, paginado posteriormente com os n. 198-199) e redigi-lo de novo. O fato se torna claro por uma série de indícios anômalos: único fólho com filigrana diferente do resto do manuscrito, sem número de foliação autógrafa da Santa, também sem epígrafe na margem superior (“moradas”/“sétimas”), anomalias no *incipit* e *explicit* do fólho (*incipit* c. 1, n. 9: “é de perguntar” repetido; *explicit* c. 2, n. 1: “era tempo de que seus”, concluído a meia linha para engatar com o fólho seguinte).

passar para a mão das leitoras. Dois amigos da Santa se prestam a executar a operação: o carmelita Gracián e o dominicano Diego de Yanguas. Improvisam um tribunal doméstico no Carmelo de Segóvia. Gracián está interessado em prevenir percalços e acusações ao livro. Yanguas é professor de teologia na cidade e por essa época tinha intervindo na queima do autógrafa dos *Conceitos*. Os dois dividem entre si os papéis de juiz, fiscal e defensor. Gracián conta: “Depois lemos este livro em sua presença o padre frei Diego de Yanguas e eu, arguindo eu muitas coisas dele, dizendo ser malsoantes, e o padre frei Diego respondendo-me a elas, e ela dizendo que as tirássemos; e assim tiramos algumas, não porque fosse má doutrina, senão alta e difícil de entender para muitos; porque com o zelo que eu a queria, procurava que não houvesse coisa em seus escritos em que ninguém tropeçasse”.⁷

É verdade que Gracián riscou e emendou sempre com suma delicadeza, deixando legível o original da Santa. Mas riscou demais, e suas emendas pecaram por excesso: puras ninharias de teólogo ou de humanista. Quando, alguns anos depois, o original cai nas mãos do primeiro biógrafo da Santa, o jesuíta Francisco de Ribera, os retoques provocam protestos em cadeia: Ribera acha que o texto da Santa estava sempre melhor do que o do censor e, por fim, se decide a escrever de própria mão uma “contracensura”: “... pareceu-me avisar

⁷ *Notas de Gracián*, em: Antonio de San Joaquín, *Año Teresiano*, t. VII, 1758, p. 150.

a quem o ler, que leia como escreveu a Santa Madre, que entendia e dizia melhor, e deixe todo o acrescentado, e o apagado da letra da Santa dê por não apagado...”.⁸ Felizmente, tampouco frei Luís de León passou para a edição príncipe as emendas de Gracián.

No entanto, as últimas páginas do original acolherão a aprovação incondicional de outro censor, homem de inquisição, que anos atrás tinha afrontado com severidade o caso da Madre Teresa. É o jesuíta Rodrigo Alvarez. Interveio no âmago do processo inquisitorial contra a Santa, em Sevilha, pelos anos 1575-1576. Agora já é entranhável admirador da Madre e tem desejo de ler seu último escrito, enviado a Sevilha para que a sagacíssima madre Maria de São José esquive os perigos de sequestro. Em data de 8.11.1581 a Santa escreve à depositária do tesouro:

“...Agora recebi outra (carta)...de meu padre Rodrigo Alvarez, a quem tenho grande obrigação pelo bem que tem feito a esta casa, e quisera responder à sua carta e não sei... Nosso padre (Gracián) me disse que tinha deixado lá um livro de minha letra (que certamente vossa reverência não o está lendo); quando for lá, sob confissão – que assim o pede ele com muito comedimento –, para que só vossa reverência e ele leiam a última ‘morada’, e diga-lhe que naquele ponto chegou aquela pessoa e com aquela paz que aí vai, e assim vai com vida bastante descansada, e que grandes letrados

⁸ Anotação de Ribera na primeira página do original, sob o título. Ver o texto integral adiante, na nota ao subtítulo deste livro.

dizem que vai bem. Se não for lido aí, de nenhuma maneira o dê lá, que poderia suceder algo. Até que me escrever o que lhe parece nisto, não lhe responderei”.

Três meses mais tarde – 22.2.1582 –, Maria de São José cumpre escrupulosamente a sua tarefa. E o padre Rodrigo Alvarez, depois de escutar a leitura dos quatro capítulos das Moradas VII, pede que lhe passem o autógrafo e escreve, em continuação da última morada, uma página memorável:

“A madre priora deste convento de Sevilha leu para mim esta sétima morada ou habitação, aonde chega um espírito nesta vida: louvem todos os santos a bondade infinita de Deus que tanto se comunica àquelas criaturas que deveras buscam sua maior glória e a salvação de seus próximos. O que sinto e julgo disso é que tudo isto que leu para mim são verdades católicas segundo as divinas letras e doutrinas dos santos. Quem for lido na doutrina dos santos, como é o livro de Santa Gertrudes, e nas obras de Santa Catarina de Sena e Santa Brígida e outros santos e livros espirituais, entenderá claramente ser este espírito da madre Teresa de Jesus muito verdadeiro, pois que passam neles os mesmos efeitos que passaram nos santos. E porque é verdade que isto assim sinto e entendo, o assino com o meu nome hoje, 22 de fevereiro de 1582. O P. Rodrigo Alvarez”.

A aprovação do padre Rodrigo é a primeira reação da teologia tradicional à nova interpretação do mistério da vida cristã proposta pelo *Castelo* da Madre Teresa.

Sobrevirão logo – nessa mesma década – os primeiros ataques violentos: reação de uma teologia rotineira, enquistada em preconceitos contra os alumbrados, que felizmente já chegou tarde, quando o livro tinha sido posto definitivamente a salvo pelas primeiras edições de Frei Luís de León (Salamanca, 1588; Barcelona, 1588).

O tema da obra

O padre Gracián, que decidiu a composição do *Castelo*, está seguro de ter sugerido à leitora a linha temática. Quando ela resiste a escrever alegando suas obrigações de coro e de fiação, e suas dores de cabeça, Gracián argumenta:

“Convenci-a com o exemplo de que algumas pessoas costumam sarar de enfermidades mais facilmente com as receitas sabidas por experiência do que com a medicina de Galeno, Hipócrates e de outros livros de muita doutrina. E que da mesma maneira pode acontecer nas almas que seguem oração e espírito, que mais facilmente se aproveitam dos livros espirituais escritos do que se sabe por experiência, do que aquilo que leram e estudaram em doutores... Porque como estas coisas do espírito são práticas e se põem por obra, melhor as declara quem tem experiência do que quem tem apenas ciência, ainda que fale em próprios termos”.⁹

⁹ Jerónimo Gracián, *Dilucidario del verdadero espíritu*, 1, 5; BMC, t. 15, Burgos, 1932, p. 16-17.